

**ARQUEOLOGIA E LINGUÍSTICA:
CONSTRUINDO AS TRAJETÓRIAS
HISTÓRICO-CULTURAIS DOS POVOS TUPÍ**

Fabíola Andréa Silva¹
faandrea@usp.br
Francisco Silva Noelli²
chico.noelli@gmail.com.br

Introdução

Como outras ciências sociais, a arqueologia busca compreender a relação entre cultura material, língua e etnicidade. Os arqueólogos têm se empenhado em explicar as causas e o significado da variabilidade e da padronização artefactual encontradas no registro arqueológico e um de seus objetivos é tentar responder se elas podem ser bons indicadores para se compreender as identidades e fronteiras sociais e linguísticas no passado.

¹ Docente e pesquisadora do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Coordenadora do Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT). Bolsista de Produtividade CNPq.

² Docente e pesquisador da Universidade Estadual de Maringá (UEM) (aposentado). Pesquisador Colaborador do Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT-MAE/USP).

Na história da disciplina o tema da variabilidade e da padronização artefactual foi muito debatido, várias críticas foram formuladas sobre a fragilidade da definição de “culturas arqueológicas” a partir de uma perspectiva essencialista e estática de cultura. Ou seja, que entende cultura como uma entidade monolítica e circunscrita por determinados registros materiais situados em um tempo-espaço específico. Em outras palavras, as críticas se fizeram em relação às associações simplistas\diretas entre povo, língua e cultura material (p.ex. povo e língua↔pote cerâmico) que ignoravam a complexidade dos processos históricos de persistência, transformação e contato cultural (p.ex. JONES, 2005; HORNBORG, 2005). Tais críticas, porém, não indicam que os arqueólogos não acreditam na possibilidade de existir uma correlação entre cultura material e etnicidade – entendida como situacional e conjuntural – que possa ser percebida no registro arqueológico. Ao contrário, tem aumentado o número de estudos (arqueológicos e etnoarqueológicos) que procuram vislumbrar as relações entre a diversidade da cultura material e a diversidade sociocultural e linguística. No entanto, entende-se que essas relações são dinâmicas, complexas e difíceis de apreender, pois os processos de construção das identidades e alteridades são dinâmicos, interativos e heterogêneos e podem se manifestar de diferentes maneiras em termos de materialidade (p.ex. GOSSELAIN, 2000; JORDAN E SHENNAN, 2003; STARK (org), 1998).

Proposições teóricas, como as noções de habitus (BOURDIEU, 1977), de agência (GELL, 1998), de escolhas tecnológicas (LEMONNIER, 1992) e de características de performance (SCHIFFER E SKIBO, 1997), são algumas referências usadas nesses estudos, especialmente, sobre a produção dos artefatos, seus usos e distribuição no tempo-espaço. Neles, diferentes autores definem a cultura material como um índice de etnicidade e mostram como as características dos conjuntos artefatuais (p.ex. a matéria-prima, as técnicas de produção, as morfologias e as decorações) revelam as diferentes expressões identitárias daqueles que os produziram e/ou utilizaram (p.ex. gênero, social, étnica). Os artefatos, portanto, são vistos como constituídos de camadas de significados ou de histórias que podem ser diferentemente acessadas por diferentes indivíduos embebidos em diferentes redes e

estratégias sociais (p.ex. BOWSER, STARK e HORNE (eds), 2008; GOSSELAIN, 2000; SILVA, 2007; STARK (ed), 1998).

Para além da reflexão sobre os significados dos artefatos em si, uma contribuição fundamental desses estudos é a demonstração de que o processo de produção dos mesmos é igualmente significativo. Ou seja, que as etapas da cadeia operatória de produção podem manifestar um estilo técnico que se refere ao modo como as pessoas realizam suas atividades técnicas. Ele remete às escolhas dos materiais, das técnicas, dos instrumentos e do modo - sequencial e/ou concomitante - como as ações técnicas devem ser conduzidas ao longo da cadeia operatória (p.ex. HEGMON, 1998, p.266-69; CARR, 1995, GOSSELAIN, 2002, p.10-12). Vários pesquisadores demonstram que a diferenciação ou a correspondência entre estilos técnicos de distintas populações podem estar relacionadas às suas semelhanças e/ou diferenças sociais, linguísticas e culturais, em escalas locais e/ou regionais (p.ex. WIESSNER, 1983; GOSSELAIN, 2000, 2002; CHILTON, 1998; HAOUR et. al., 2010). Também têm evidenciado que as características visuais dos objetos (p.ex. morfologia e decoração) e as ações e conhecimentos técnicos necessários para produzi-los estão entremeados na constituição dos seus significados sociais e simbólicos (p.ex. MUNN, 1977; BARCELOS NETO, 2005-2006; HUGH-JONES, 2009; SILVA, 2008, 2011).

As atividades técnicas estão embebidas nas tramas da socialidade humana na medida em que suas ações e os instrumentos técnicos mediam relações entre pessoas e agências diversas (humanas e não-humanas) (p.ex. GELL, 1998; SILVA, 2000, p.57-116; INGOLD, 2001, p.312-322; BARCELOS NETO, 2008) e, assim como outras práticas sociais, constituem um habitus. As ações técnicas se instituem de habilidades desenvolvidas e adquiridas pelas pessoas ao longo de suas vidas, seja através do seu envolvimento umas com as outras na realização de suas atividades, seja a partir das suas experiências com as condições materiais nas quais elas vivem (p.ex. INGOLD, 2001, p.162; DIETLER E HERBICH, 1998, p.244-248). Os processos de seleção dos materiais, instrumentos e procedimentos técnicos e a definição das sequências de ações técnicas resultam de uma percepção socialmente apreendida e experienciada do modo como as coisas devem ou não devem ser feitas e/ou utilizadas (p.ex.

LEMONNIER, 1992, p.51-77; GOSSELAIN, 1999; BARCELOS NETO, 2009; VELTHEM, 2009). Nesta direção, falar de escolhas técnicas é partir da premissa de que as pessoas têm a seu dispor um leque de possibilidades para empreender suas atividades técnicas (LEMONNIER, 1993, p.16; SCHIFFER E SKIBO, 1997, p.29; CHILTON, 1998, p.134; GOSSELAIN, 2002, p.10). É compreender as tecnologias como o resultado de uma complexa interrelação entre matéria, energia e o universo social e simbólico dos coletivos humanos (VAN DER LEEUW, 1993, p.240). A partir disso, se pode entender uma tradição tecnológica e, conseqüentemente, a padronização dos conjuntos artefatuais como o resultado da prática social de transmissão de conhecimentos ou, em outras palavras, de processos de ensino-aprendizagem onde a língua é um elemento fundamental para a transmissão e aquisição desses conhecimentos e na constituição de uma “comunidade de prática”, ou seja, de um coletivo que compartilha conhecimento e experiência sobre uma determinada atividade (WENDRICH, 2012, p.5).

De volta à relação entre potes, línguas e povos

Nesses estudos sobre tecnologia surge uma questão crucial para os arqueólogos: os modos de vida e etnicidades de povos ceramistas podem ou não ser materializados em uma vasilha cerâmica? (GOSSELAIN, 2000).

Vários pesquisadores demonstram que o domínio da tecnologia cerâmica resulta de um longo aprendizado, pois a execução correta de todas as etapas da cadeia operatória exige o desenvolvimento de habilidades e léxicos específicos. Em diferentes regiões do mundo, o processo de ensino-aprendizagem da tecnologia cerâmica é baseado no incentivo à observação e exercício prático e repetitivo de elaboração das vasilhas. Implica, de um lado, na constante verbalização e demonstração do instrutor, sobre os procedimentos técnicos e os resultados a serem alcançados a cada etapa produtiva. E, de outro, na imitação e reprodução por parte do aprendiz dessas etapas produtivas. O conhecimento da tecnologia cerâmica é passado entre as gerações pelo engajamento do aprendiz. Ele incorpora este conhecimento, ou seja, é a conjunção da mente e do corpo que definem juntos a habilidade para reproduzir uma vasilha

cerâmica. Assim, percepção e ação estão no cerne da aquisição e prática deste conhecimento, e o desenvolvimento dessa habilidade técnica se dá ao longo da vida (ARNOLD, 1985; LONGACRE, 1999; INGOLD, 2001). E tudo isso constitui parte importante da reprodução da tecnologia e da manutenção do seu léxico na longa duração.

Assim, embora se reconheça que não devemos relacionar de forma simplista potes, línguas e povos, a realidade também nos mostra que há contextos em que esta relação é possível. Além disso, “potes podem não ser pessoas, mas eles são de pessoas” (HECKENBERGER, 2002, p.107), no sentido de que eles são produzidos, usados e distribuídos por pessoas.

De volta ao tema da relação entre cultura material e etnicidade

A partir dessas reflexões se pode compreender “a grande ressonância que muitas vezes encontramos entre um certo complexo cultural e uma família linguística” (FAUSTO, 2005). Este é o caso dos povos Arawak, exemplificado no livro, *Comparative Arawakan Histories* – editado por Jonathan Hill e Fernando Santos-Granero (2002) – e dos povos Tupi, exemplificado na obra de Alfred Métraux (1928) – *La civilisation matérielle des tribus Tupi-Guarani*.

Assim, embora tenhamos de ter cuidado ao procurarmos associar língua, povo e cultura material não podemos simplesmente ignorar esta relação para determinadas populações e contextos socioculturais. Além disso, embora seja uma pesquisa árdua e complexa não é impossível encontrar no registro arqueológico os indicadores dessas relações e suas transformações no tempo. Afinal, não podemos negligenciar que há uma continuidade histórica entre as populações do passado e as historicamente conhecidas, como já demonstraram vários pesquisadores no contexto brasileiro (p.ex. WÜST, 1991; NOELLI, 1993; HECKENBERGER, 1996; NEVES, 1998; EREMITES DE OLIVEIRA, 2002) e é por esta razão que a interdisciplinaridade é fundamental e a cooperação entre a arqueologia e a linguística é muito profícua – o caso Tupi é um exemplo disso como veremos a seguir.

O caso Tupi: buscando a relação entre cultura material, língua e etnicidade

Na perspectiva da história da ciência temos dois momentos seminais na constituição do conhecimento sobre os Tupi. O primeiro surge com Karl von Martius na década de 1830, quando ele inaugura o campo científico sobre a linguística, a etnologia e a origem e expansão dos Tupi, inaugurando uma linha de pesquisa seguida por muitos que tiveram por objetivo levantar e organizar a vasta quantidade de dados para definir quem eles eram, destacando os mencionados von den Steinen no século XIX e Métraux no século XX. Esses autores estabeleceram as principais balizas que posteriormente nortearam o desenvolvimento da linguística e da antropologia.

O segundo momento seminal foi com Donald Lathrap, com o livro *The Upper Amazon*, de 1970. Ele inaugurou um novo campo de investigação na arqueologia, aberto à interdisciplinaridade e à perspectiva de interpretar os dados arqueológicos em consonância com os dados linguísticos e antropológicos. Foi ali que a pesquisa de Aryon Rodrigues, o principal linguista sobre os Tupi, ganhou visibilidade para a arqueologia na América do Sul. Lathrap abandonou a mera descrição do registro arqueológico e da sua ordenação tipológica em conjuntos regionais e sequências cronológicas, para propor uma perspectiva semelhante a da linguística, ou seja, buscava compreender a origem e ramificação do tronco Tupi. Lathrap lançou as bases para abandonar o conceito de Tradição Tupiguarani (sem hífen) que havia sido criado por um grupo de arqueólogos brasileiros e norte-americanos para definir o registro arqueológico que continha machados líticos polidos, tembetás, cerâmicas com a superfície pintada, lisa e corrugada, com enterros em vasilhas usadas secundariamente como urna funerária (cf. BROCHADO, 1984; NOELLI, 1996). Este conceito anacrônico de nascença tinha uma abordagem que deliberadamente não incorporava informações históricas, antropológicas e linguísticas.

Lathrap acreditava que os arqueólogos deviam adotar, como os linguistas, a noção de desenvolvimento histórico de um tronco linguístico, desde a proto-língua até às suas ramificações conhecidas no presente. Assim,

ele entendia que os elementos comuns em determinados conjuntos cerâmicos no presente deveriam ser os mais antigos do ponto de vista da tradição tecnológica e, ao mesmo tempo, poderiam indicar relações culturais e linguísticas entre aqueles povos que os produziram. Aqui cabe um parêntese para explicar que a importância que ele dava à cerâmica se deve ao fato dela ser o registro arqueológico mais conhecido e acessível de pesquisar no presente. Ela é vista, ainda hoje, como um marcador que materializa a presença Tupi no espaço e no tempo – i.e pode ser situada geograficamente e datada. Isto não é peculiar apenas da arqueologia Tupi, pois os conjuntos artefatuais cerâmicos estão entre as principais evidências utilizadas como referência em estudos arqueológicos comparados em diferentes lugares do mundo (ORTON E HUDGES, 2013; GOSSELAIN 2000; HAOUR et al, 2010).

A perspectiva de Lathrap está na gênese da tese de doutorado de José Brochado (1984). Orientado por Lathrap, Brochado conheceu a pesquisa de Aryon Rodrigues, passando a conceber que a melhor interpretação dos contextos arqueológicos Tupi, implicaria fundamentalmente na articulação de dados linguísticos, etnológicos, históricos e arqueológicos. Brochado definiu como objetivo investigar as populações com uma larga base de dados, cuidando para definir uma metodologia relacional para associar elementos recorrentes\relacionais na arqueologia, história, etnologia e linguística, permitindo a atribuição de etnicidades aos contextos arqueológicos. Para Brochado os povos falantes das línguas da família Tupi-Guarani atendiam às demandas desta perspectiva interdisciplinar, devido à grande quantidade de informações disponíveis sobre eles, bem como a certas peculiaridades que os caracterizam em termos de cultura material. Ele assumiu uma perspectiva semelhante a de Rodrigues (1984-1985, p.34), para quem as línguas da família Tupi-Guarani representam manifestações diferenciadas de uma mesma língua matriz e que “as propriedades compartilhadas sejam a herança comum conservada sem diferenciação ou apenas com diferenciações menos profundas”.

Brochado foi testar um protocolo de pesquisa nos casos Guarani e Tupinambá. Ele buscou levantar informações históricas sobre as morfologias e os usos da cerâmica Tupinambá (BROCHADO, 1991). No caso Guarani compilou informações lexicais para a reconstrução das

tecnologias cerâmicas, evidenciando a terminologia das vasilhas e os seus usos cotidianos e rituais. Ele buscou estas informações, especialmente, nos dicionários de Antônio Ruiz de Montoya (1639, 1640), onde se encontram aproximadamente 100 palavras sobre a cadeia operatória de produção das vasilhas cerâmicas, a morfologia, os tratamentos de superfície e as matérias primas, bem como sobre os contextos sociais de uso (LA SALVIA e BROCHADO, 1989; BROCHADO, MONTICELLI e NEUMANN, 1990; NOELLI e BROCHADO, 1998). Orientado pelas informações de Montoya e por diversas descrições históricas, ele buscou identificar regras de construção, funcionalidade e contextos de uso das vasilhas cerâmicas e tentou identificar estilos tecnológicos que poderiam ter sido transmitidos entre as gerações. Ele aplicou este modelo histórico-linguístico sobre os conjuntos arqueológicos para explicar as semelhanças das cerâmicas em uma vasta área e para uma profundidade temporal de 2 mil anos – atestada por datações de carbono 14 e termoluminescência. Ao fim e ao cabo, ele logrou obter indicadores materiais que remetiam à proposta de Rodrigues sobre “as propriedades compartilhadas” das línguas Tupi-Guarani, e conseguiu estabelecer parâmetros para identificar que os elementos comuns em determinados conjuntos cerâmicos no presente deveriam ser os mais antigos do ponto de vista da tradição tecnológica.

As pesquisas contemporâneas sobre os povos Tupi

Os casos Guarani e Tupinambá inauguraram uma metodologia que vem sendo testada no estudo de outros conjuntos cerâmicos atribuídos aos povos Tupi, partindo do pressuposto de que se poderá identificar nas cerâmicas dos falantes das outras línguas da família Tupi-Guarani e do tronco Tupi, características tecnológicas comuns e funções homólogas, mas também, distinções (variabilidade e variação) entre elas.

Nesta direção, estamos desenvolvendo e ampliando a metodologia de Brochado a partir de duas perspectivas: 1) da etnoarqueologia, desenvolvida junto com os Asurini do Xingu, desde 1996, investigando a tecnologia cerâmica deste povo Tupi-Guarani no que se refere aos processos de produção, uso, armazenagem, distribuição e descarte das vasilhas, bem como os processos de ensino-aprendizagem e inovação desta tecnologia

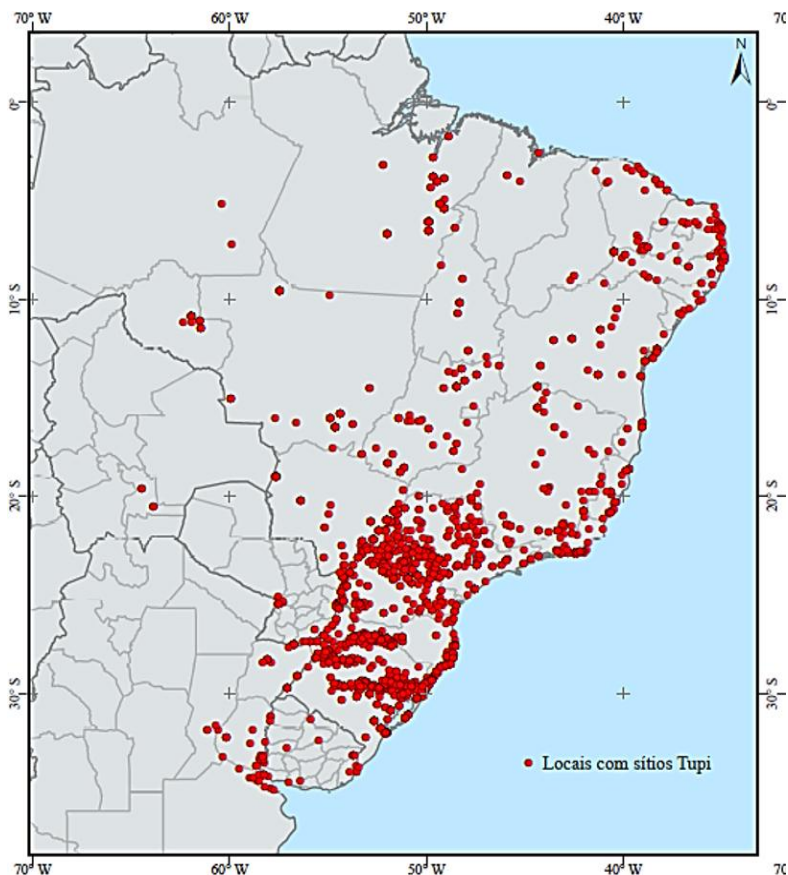
(p.ex. SILVA, 2000, 2008, 2009, 2013); 2) da pesquisa interdisciplinar sobre os povos Tupí que, desde 1993 (NOELLI, 1993, 2004), está empenhada em: a) criar um mapa dinâmico com dados arqueológicos, históricos e etnográficos sobre a distribuição desses povos no tempo-espaço; b) criar um banco de dados cronológicos (datações absolutas e relativas); c) registrar e analisar as coleções de vasilhas arqueológicas inteiras guardadas em instituições diversas; d) criar um banco de dados sobre botânica, práticas de agricultura e de manejo ambiental. Nos últimos anos ampliamos o desenvolvimento dessas linhas de investigação em parceria com outros colegas (CORRÊA, 2014; BONOMO et al, 2015).

A pesquisa interdisciplinar

A pesquisa interdisciplinar sobre os Tupí deve considerar necessário equalizar as cronologias da linguística e da arqueologia, fator decisivo para compreender os processos históricos e a dispersão geográfica dos Tupí. De um lado temos a proposta de Aryon Rodrigues e seus colaboradores (1964, 2007; RODRIGUES e CABRAL, 2012) para a origem do tronco Tupí, ao redor de 5 mil anos (AP), em uma área entre os rios Guaporé e Aripuanã – atual Estado de Rondônia. Nesta área ocorreram fragmentações sucessivas das línguas, resultando em diversas comunidades e processos migratórios que as separaram em distâncias cada vez maiores, até resultar em 10 ramos ou famílias linguísticas, compostas por mais de 70 línguas. Rodrigues (1964) propôs que a família Tupí-Guaraní teria origem ao redor de 2,5 mil anos atrás.

Para a arqueologia já existem quase 6.000 sítios Tupí registrados no Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia. Há mais de 900 datações que abrangem um período entre 4,5 mil AP e depois da chegada dos europeus (BROCHADO, 1984; CORRÊA, 2013; BONOMO et al, 2015). A Figura 1 mostra a distribuição dos sítios, mas também, a desigualdade na densidade das pesquisas – maior nas regiões Sul e Sudeste, média na Nordeste e baixa na Norte e Centro-Oeste. Há menos pesquisa e as cerâmicas são praticamente desconhecidas nas áreas com maior probabilidade de se encontrar onde se formou o Proto-Tupí (PT), onde hoje se encontra a maior diversidade linguística entre os Tupí.

Figura 1. Sítios Tupi



Fonte: Corrêa, 2014 (adaptado).

Já existe uma geografia dos sítios arqueológicos e uma cronologia que nas suas linhas gerais apontam na mesma direção da hipótese de Rodrigues (1964). O fato é que a 2 mil anos (AP) os Guarani já estavam na região sul do Brasil e os Tupinambá já estavam no litoral do Rio de Janeiro e outros grupos Tupi estavam nas bacias do Xingu e do Tocantins. Para estarem instalados em tais áreas, precisaram de tempo para percorrer e colonizar os espaços intermediários, fato que empurra para períodos mais recuados as datas das suas formações como grupos separados da família Tupí-Guaraní, fato que torna correta a hipótese de Rodrigues de que o proto-Tupí-Guaraní (PTG) já existia em 2,5 mil anos (AP). O conjunto de dados está a indicar que seria ainda mais antiga essa origem.

Cabe dizer, que as áreas mais conhecidas pela arqueologia correspondem às ocupadas pelos Guarani e Tupinambá, que estão entre os

Tupí mais distanciados da Amazônia (Figura 6). As demais áreas necessitam ainda de mais investigação para identificar os processos de ocupação pré e pós-colonial: 1) levantamentos sistemáticos para descoberta de novos sítios arqueológicos; 2) estudo de fontes escritas; 3) estudo de coleções etnográficas e arqueológicas guardadas em instituições públicas e privadas. Temos, por exemplo, várias populações com registros linguísticos, mas nenhum estudo arqueológico, histórico, etnográfico e museológico. Assim como também há populações com estudos etnográficos ou históricos, mas sem investigação linguística ou arqueológica. Ainda é necessário identificar e reconhecer os conjuntos cerâmicos de cada uma dessas populações, para ter um parâmetro para reconhecer seus contextos arqueológicos.

Os casos Guaraní e Tupinambá mostram ser possível identificar os conjuntos artefatuais cerâmicos nas 10 famílias do tronco Tupí, e para alcançar este objetivo tem um projeto em construção. De um lado, temos os dados linguísticos que estamos em processo de levantamento e nisso precisamos da colaboração dos linguistas para explorar ao máximo as fontes publicadas e inéditas, tanto no que se refere ao inventário lexical, quanto na análise fonética sobre as vasilhas cerâmicas e os seus contextos de uso. De outro, estamos criando um banco de dados arqueológicos e etnográficos, para comparar vasilhas funcionalmente homólogas. Já temos dados de mais de 3000 vasilhas inteiras e semi-inteiras registradas em 102 instituições do Brasil, Argentina, Paraguai, Áustria e Inglaterra.

Para exemplificar nossa perspectiva apresentamos 3 tabelas com dados linguísticos Tupí (Tabelas 1, 2 e 3). Ela está em construção, portanto, incompleta, e apresenta a transcrição dos nomes tal como foram publicados. No entanto, mostra que palavras que correspondem às vasilhas cerâmicas de cozinhar já existiam no Proto-Tupí e no Proto-Tupí-Guaraní – conforme a reconstrução de Rodrigues (2007). Nós pensamos da mesma maneira no caso das palavras usadas para designar vasilhas de armazenar água e cauim que, provavelmente, já existiam desde o PTG, uma vez que em muitas línguas da família Tupí-Guaraní elas estão presentes.

Tabela 1. Reconstrução da palavra panela no Proto-Tupi e no
 Proto-Tupí-Guaraní

Língua	Região	Panela	Fonte
Proto-línguas			
Proto-Tupí	Rondônia	**wa ě (reconstrução)	Rodrigues 2007
Proto-Tupí-Guaraní	?	*ja ě (reconstrução)	Rodrigues 2007

Fonte: RODRIGUES, 2007.

Tabela 2. Relação forma/função das vasilhas cerâmicas do Tronco Tupi

Língua	Região	Vasilha				Fonte
		Cozinhar/Panela	Armazenar	Servir/Consumir	Consumir/cauim	
Famílias\língua(s)						
Juruna \Juruna	Xingu	wa ě				Rodrigues 2007
Munduruku \Munduruku	Tapajós	wa e	Kamati			Nimuendajú 1932; Rodrigues 2007
Tuparí		wa ě				Rodrigues 2007
Ramaráma \Káro		ma ě-ká				Rodrigues 2007
Mawé		ma ā				Rodrigues 2007
Awetí	Xingu	ta ě				Rodrigues 2007
Tupí-Guaraní		ja ě				Rodrigues 2007

Fonte: RODRIGUES, 2007; NIMUENDAJÚ, 1932.

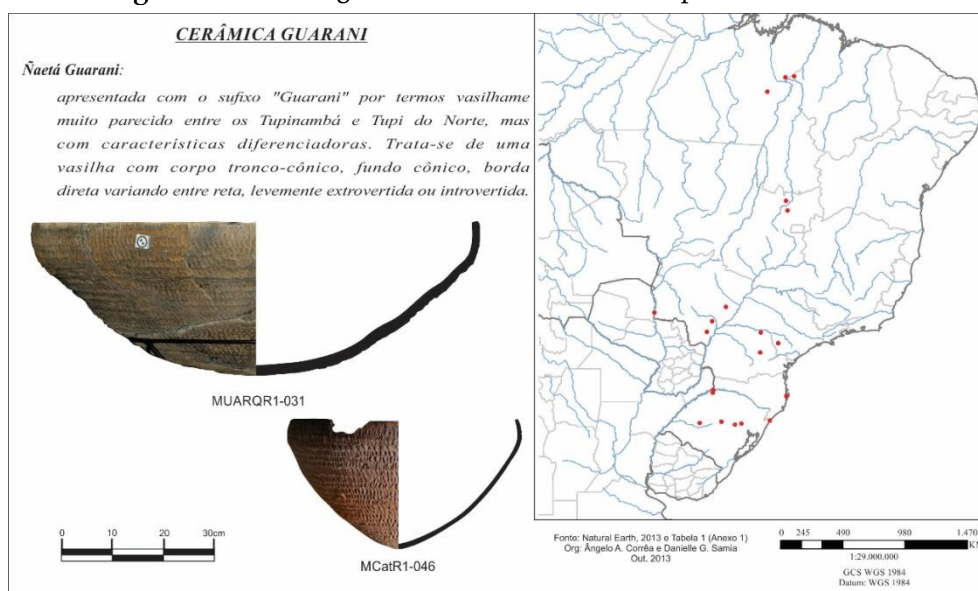
Tabela 3. Relação forma/função das vasilhas cerâmicas da família Tupí-Guaraní

Ram o 1						
Guaraní	Brasil Meridional ArgentinaUruguaiParaguai	Yapepó	Cambuchí	Ñaen	kaguava	Montoya 2011
Chiriguano	Bolívia	Yapepó	Cambuchí	Ñae	Kagua	Giannecchini 1916
Ram o 2						
Sirionó	Bolívia	Ñéo				Holmberg 1960
Ram o 3						
Língua GeraAmazonas	Baixo Amazonas	Yapepu	Camusí, Camutí	Nhaen		Stradelli 1929
Tupinambá	Litoral Brasileiro,	Nhaêpêpô	Kamici	Nhaen	Caguaba	Vocabulário 1952
Ram o 4						
Tapirapé	Tapirapé	Chaé				Baldus 1970
Asurini do Tocantins	Tocantins	Sa'e				Nicholson 1982
Tembé	Maranhão	Zapêpo	Kamuti			Rice 1934
Ram o 5						
Asurini do Xingu	Xingu	Japepaí		Ja'e		Silva 2000
Ram o 6						
Parintintin	Tapajós	Nhapepo	Kamabuí	Nhaetingy'a	Ygw av	Betts 1981
Tupí-Kaw ahîb	Madeira	Yapepoi				
Apiaká	Tapajós	Nhepepo				
Kayabí	Tapajós	lapepô				
Ram o 7						
Kamayurá	Xingu	Nyãe				Baldus 1970
Ram o 8						
Kaapor	Maranhão		Kamuxí			Kumasu e Kumasu 1988

Fonte: Montoya 2011; Giannecchini 1916; Holmberg 1960; Stradelli 1929; Vocabulário 1952; Baldus 1970; Nicholson 1982; Rice 1934; Silva 2000; Betts 1981; Kumasu e Kumasu 1988.

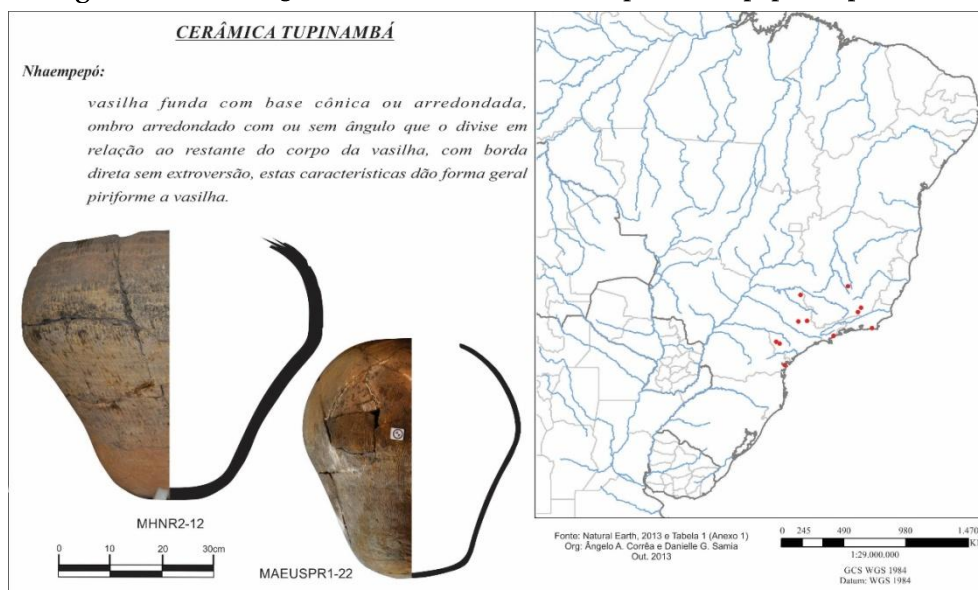
Ângelo Corrêa (2014), criou infográficos sobre as cerâmicas Tupi para sistematizar alguns elementos estruturais da morfologia das vasilhas cerâmicas Tupi, a sua distribuição no tempo-espaço e a relação dessa distribuição com as áreas de ocupação Tupi (histórica e arqueológica). Ele sugere que algumas morfologias pela sua ampla distribuição no tempo-espaço poderiam ser mais antigas – p.ex. yapepó, ñaetà e cambuchi Guarani – (Figura 2) enquanto outras são mais restritas geograficamente e relacionadas com cronologias mais específicas – p.ex. um tipo específico de nhaemepó e vasilhas duplamente cambadas Tupinambá (Figura 3).

Figura 2. Morfologia das vasilhas cerâmicas Tupi: ñaetà Guarani



Fonte: Corrêa, 2014 (adaptado).

Figura 3. Morfologia das vasilhas cerâmicas Tupi: nhaempepó Tupinambá



Fonte: Corrêa, 2014 (adaptado).

Recentemente, pesquisas arqueológicas, históricas, antropológicas e linguísticas se dedicaram a demonstrar como os povos das terras baixas estariam em redes de inter-relações sociais para além das fronteiras regionais, étnicas ou linguísticas. Paralelamente, essas pesquisas têm mostrado como estilos cerâmicos, uma língua franca, o comércio e/ou troca de bens materiais, a participação em rituais ou movimentos indígenas têm interligado, ao longo do tempo, povos de vastas regiões (HILL e SANTOS-GRANERO, 2002; HILL, 2013). Assim, alguns propõem que se olhe para as populações arqueológicas não como povos reificados, empurrando-se uns aos outros pelas terras baixas, confinados em aldeias isoladas entre si, mas integrados em um sistema de relações e processos comunicativos e sujeitos também a processos de etnogênese (HORNBERG, 2005; HILL e HORNBERG, 2011).

A pergunta é: como os povos Tupi se inseriram nessas redes de comunicação, contatos e trocas culturais e como se materializaram os seus processos de construção de novas e, ao mesmo tempo, persistentes identidades? Linguistas e arqueólogos têm se dedicado a responder estas questões e o nosso projeto de sistematização de dados interdisciplinares é parte deste esforço.

A pesquisa etnoarqueológica

A pesquisa etnoarqueológica desenvolvida junto aos Asurini do Xingu – um dos últimos povos Tupi ceramistas – demonstra o quão complexa é a relação entre cultura material e fronteiras sociais e étnicas. Além disso, nos permite apreender a importância dos processos de persistência e transformação cultural na configuração das materialidades (p.ex. SILVA, 2007, 2013). Temos aprendido que, no caso dos artefatos cerâmicos, a sua variabilidade e padronização é resultante de diferentes fatores: função das vasilhas, estrutura de ensino aprendizagem, organização social da produção, criatividade individual e contingências históricas.

Os Asurini do Xingu tem um conjunto básico de vasilhas usadas respectivamente para cozinhar (japepa', japapepa'i/jaeniwa, jape'e), servir (ja'e, ja'ekuia), armazenar e transportar alimentos e líquidos (japu, yawa, pupijane kanawa, kavioi, apua) e consumir alimentos (kume, uira, jarati, pekia, uã). Atualmente, a maior parte dessas vasilhas é feita para a venda, estando em uso apenas os tipos japepa'i, jape'e e ja'e. A diferenciação das vasilhas cerâmicas relacionada com sua funcionalidade pode ser visualizada, principalmente, no contorno formal e no acabamento de superfície das mesmas, não havendo distinção morfológica entre vasilhas de uso cotidiano e ritual. Na maioria das vezes, inclusive, as vasilhas usadas nos contextos rituais são aquelas usadas no contexto cotidiano. No entanto, as vasilhas usadas no contexto ritual costumam ser de tamanho maior, como é o caso das grandes vasilhas do tipo japepa'i e ja'e, empregadas respectivamente para cozinhar e servir o mingau ritual. A única vasilha totalmente distinta das demais é o grande japepá ritual, chamado tauva rukaia. Este é o receptáculo do sobrenatural tauva durante o ritual tauva do ciclo ritual turé.

A organização social da produção cerâmica e a estrutura de ensino-aprendizagem da arte oleira são fatores que geram padronização e variabilidade no conjunto artefactual cerâmico. O aprendizado ocorre no interior do grupo doméstico a partir da transmissão dos conhecimentos das mulheres mais velhas (avó, mãe, tia, irmã, cunhada) às mais jovens, desde a sua mais tenra idade (Figura 4). Tal fato implica numa homogeneização dos atributos das vasilhas das mulheres que pertencem a um mesmo grupo

doméstico, gerando uma certa variabilidade entre os conjuntos de vasilhas dos diferentes grupos domésticos. Esta diferença, porém, é quase imperceptível quando vislumbramos o conjunto total de vasilhas na aldeia, pois independentemente do grupo doméstico a tecnologia cerâmica Asurini segue cânones estéticos muito rígidos. No processo de aprendizagem, o domínio do contorno formal das vasilhas é uma das etapas mais difíceis para as aprendizes, pois são elaboradas inúmeras miniaturas das mesmas a fim de que a jovem ceramista, através da intensa repetição da sequência produtiva, consiga adquirir a perícia necessária para reproduzir as especificações formais das vasilhas e atingir os padrões estéticos de aprovação social. Normalmente, as vasilhas produzidas pelas ceramistas inexperientes apresentam o contorno formal do corpo mal elaborado, o alisamento grosseiro das superfícies internas e externas, falhas nos motivos decorativos e na aplicação da resina na face externa.

Figura 4. Mãe ensinando filha na Aldeia Koatinemo.



Fonte: fotografia própria.

No entanto, embora existam padrões estéticos bem definidos para a cerâmica Asurini, as ceramistas não deixam de exercer sua criatividade individual e todas dizem reconhecer suas vasilhas dentre as de outras

ceramistas. É na pintura, porém, que a sua criatividade se manifesta mais claramente, pois é infinita a combinação de grafismos que elas podem produzir nas diferentes partes do corpo das vasilhas – todos esses grafismos, no entanto, são variações de um grafismo estrutural definido como *tayngava* que remete à cosmologia Asurini. Cabe ressaltar, que da mesma forma que a criatividade individual aumenta a variabilidade de alguns atributos no conjunto artefactual, o passar do tempo e o falecimento de certas ceramistas resulta na perda de variabilidade. Entre os Asurini isto tem sido perceptível, pois a morte de algumas ceramistas levou à diminuição quantitativa e/ou reprodução imperfeita de certos grafismos.

Outras contingências históricas geram variabilidade no conjunto cerâmico Asurini, como, por exemplo, o contato intercultural e o comércio de vasilhas. A convivência das ceramistas Asurini com mulheres não-indígenas resultou na experimentação de novos contornos formais para as vasilhas. Esta transformação normalmente ocorre porque as Asurini tentam reproduzir na cerâmica as formas que elas observam no conjunto artefactual pertencente a essas mulheres (p.ex. panelas com alça e tampa, talhas para colocar água, fruteiras, frascos de perfume, vasos, etc). Cabe ressaltar, que tais transformações costumam ser de curta duração e quantitativamente pouco expressivas no conjunto de vasilhas cerâmicas registradas na aldeia.

O comércio de vasilhas, por outro lado, gera uma transformação na dimensão das vasilhas cerâmicas que é bastante expressiva. Atualmente, há mais vasilhas para vender na aldeia do que vasilhas para uso cotidiano. Neste caso, observa-se a miniaturização das vasilhas, especialmente daquelas do tipo *japepa'i*. Além de uma modificação no tamanho, também se observa que todas as vasilhas feitas para vender são pintadas, independentemente da sua forma e função tradicionais – e neste caso as combinações do *tayngava* se tornam um elemento de identificação étnica.

O que se pode apreender da pesquisa etnoarqueológica entre os Asurini é que a variabilidade e padronização artefactual possuem diferentes significados, sendo resultantes de diferentes tipos de comportamentos e, além disso, podem ser índices de fronteiras e interações sociais. Além disso, é possível constatar que certos atributos dos artefatos possibilitam maior ou menor variabilidade/variação e/ou padronização sincrônica diacrônica e

por isso se referem, cada um a seu modo, a aspectos diferentes – p.ex. identidade social, transformação e/ou persistência cultural. A pesquisa junto aos Asurini do Xingu revela dados fundamentais sobre como o nível de especialização da produção cerâmica, a constituição e organização das unidades sociais de produção e a intensidade e demanda da produção são fatores sujeitos a diferentes variáveis culturais e históricas, sendo responsáveis pela variabilidade, variação e padronização dos conjuntos artefatuais cerâmicos ao longo do tempo. Insistimos que os estudos etnoarqueológicos sobre tecnologia cerâmica precisam ser ampliados se quisermos entender melhor – nos contextos arqueológicos – essas dinâmicas contextuais relativas à organização social da produção cerâmica e, conseqüentemente a variabilidade, variação e padronização dos conjuntos cerâmicos arqueológicos dos povos Tupi.

Linguística e Arqueologia para compreender o passado recente dos Tupi

Recentemente, iniciamos o projeto intitulado Território, Língua e Memória dos Asurini do Xingu, desenhado com uma abordagem interdisciplinar (arqueologia, antropologia e linguística), para ampliar o entendimento das relações que os Asurini fazem entre territorialidade, cultura material, memória e etnicidade. O objetivo é compreender como as diferentes conjunturas históricas e os seus diferentes processos de interação com a sociedade envolvente – desde antes do seu contato oficial com a FUNAI em 1971 – influenciaram na sua trajetória histórico-cultural particular e situação atual. Além disso, com a identificação de novos sítios arqueológicos pretendemos contribuir na construção de uma história indígena Tupi-Guarani de longa duração nesta parte do médio Xingu. O projeto é um desdobramento da pesquisa que realizamos desde 2010 e que foi criada pelo interesse dos Asurini em rever suas antigas aldeias, mais distantes da margem do rio Xingu em áreas pouco visitadas na T.I. Koatinemo.

Um dos aspectos marcantes da história pré e pós-contato dos Asurini são as perdas demográficas e o conseqüente desequilíbrio na sua pirâmide etária. Atualmente mais da metade dos Asurini é menor de 25

anos, havendo poucos adultos detentores do conhecimento tradicional e muitos jovens e crianças que vivem um intenso contato com a população não-indígena, tendo experiências variadas de socialização, participação cultural e conhecimento da língua (MÜLLER, 2002, p. 204, 206).

Neste contexto, foi criado em 2008 o projeto Território e história dos Asurini do Xingu. Um estudo bibliográfico, documental, arqueológico e etnoarqueológico sobre a trajetória histórica dos Asurini do Xingu (século XIX aos dias atuais). Ele foi concebido nos parâmetros da arqueologia colaborativa, associando os interesses da pesquisa arqueológica com os interesses Asurini (SILVA, 2012). Seu objetivo geral era compreender a “história de formação do território” (ZEDENŐ, 1997), ou seja, o modo e as vicissitudes da ocupação Asurini na T.I. Koatinemo. Em 2010, por doze dias – com um grupo de 55 pessoas – subimos o igarapé Ipiaçava, acampando às suas margens para localizar as antigas aldeias Asurini dos períodos pré e pós-contato. Subimos os primeiros 70 km do igarapé e localizamos quatro antigos assentamentos, as aldeias Awatikirera, Kwatinemu Velho, Akapepugi e Taiuviaka, e um acampamento (Itapemuu), todos situados sobre sítios arqueológicos com áreas de terra preta (SILVA et al, 2011).

Quando retornamos desta viagem, os Asurini imediatamente manifestaram a intenção de prosseguir com a pesquisa e logo planejamos subir o igarapé Piranhaquara onde, segundo eles, estavam as aldeias maiores e mais antigas. Assim, em 2012, desenvolvemos o projeto Território e memória dos Asurini do Xingu. Arqueologia colaborativa na T.I. Koatinemo – Pará, Brasil, repetindo o projeto anterior, mas dando ênfase para o registro dos relatos orais dos anciãos sobre suas vivências na T.I. Koatinemo antes do contato. Em maio de 2013, por dezessete dias – com um grupo de 98 pessoas – subimos 140 km do igarapé Piranhaquara. Localizamos quatro aldeias Asurini do período pré-contato (Ipukui, Tapipiri, Itapytiuu e Myiryra), que também estavam sobre sítios arqueológicos com áreas de terra preta, e encontramos mais 10 sítios arqueológicos (alguns estavam localizados na vizinha T.I. Araweté). Na sequência, em agosto de 2014, escavamos um sítio arqueológico localizado na aldeia Itaaka – fundada em 2011 por um jovem líder e seu grupo familiar

(o sítio foi datado em 1000 AP, apresentando muito material cerâmico e terra preta).

Para os Asurini, a experiência e as relações de ensino-aprendizagem inter-geracionais são as condições necessárias para transmitir e adquirir os saberes tradicionais. Observamos durante o desenvolvimento dos dois projetos que aumentou o diálogo intergeracional e a transmissão e construção de saberes relativos ao seu pertencimento à T.I. Koatinemo e à região do médio Xingu. Localizar e (re)visitar esses lugares permitiu às velhas gerações reviverem sua história e foi uma condição fundamental para os jovens se apropriarem desta história e memória dos mais velhos (SILVA et al, 2011; SILVA, 2013; SILVA e GARCIA, 2015; SILVA e NOELLI, 2015). Portanto, a pesquisa mobilizou diferentes gerações de Asurini e eles querem que ela seja continuada, pois contribui para os processos de construção da memória, tradição oral e diferentes aspectos da sua cultura.

Os estudos relativos à territorialidade dos povos indígenas são extremamente profícuos para entender as relações entre território, cultura material, memória e identidade. Em diferentes contextos foi observado que esses povos conectam os lugares e os vestígios materiais (históricos e arqueológicos) encontrados em seus territórios às narrativas sobre o seu passado histórico e mítico, atribuindo-lhes múltiplos significados. É a tradição oral e a memória que embasam as interpretações indígenas sobre os mesmos e isto os torna significativos nos processos de construção de suas identidades e de pertencimento aos territórios (p.ex. STEWART e STRATHERN, 2003; FAUSTO e HECKENBERGER, 2007; BOWSER e ZEDEÑO, 2009). Neste sentido, os lugares e os registros materiais (arqueológicos e/ou históricos) não falam apenas de acontecimentos no passado (histórico ou mítico), mas eles também são testemunhos de realidades no presente.

Neste novo projeto nos empenhamos na documentação das narrativas orais Asurini, sobre ocupação territorial. Para isso engajamos os anciãos no registro de suas memórias e histórias de vida antes e depois do contato e eles foram incentivados a falar com as novas gerações sobre os antigos lugares em que viveram. Outros trabalhos já demonstraram que as narrativas autobiográficas possibilitam conectar pessoas e lugares e, ao mesmo tempo relacionar as experiências passadas com as do presente e

projetar vivências futuras (p.ex. CRUIKSHANK, 1998). As histórias sobre os lugares, assim como as narrativas autobiográficas explicitam um modo de ser e de estar no mundo e isto é fundamental nos processos de construção da identidade e da alteridade (BASSO, 1996). Realizar este registro das narrativas autobiográficas dos anciãos Asurini é crucial neste momento, pois “os velhos estão desaparecendo” como eles dizem e junto com eles desaparece um imenso conhecimento sobre a trajetória histórico-cultural deste povo.

Neste sentido, será fundamental a nossa interlocução com a linguística na realização e análise desses registros orais, para maximizar o aproveitamento da documentação na língua Asurini do Xingu e para dar conta dos anseios dos Asurini no registro sistemático de sua língua. Os jovens reconhecem que, em parte, estão perdendo a fluência na língua materna, sendo que muitos têm deficiências de vocabulário. Isto é alarmante para eles que veem a língua falada como emblemática em termos da sua identidade Asurini. Ao darmos às narrativas orais das velhas gerações um registro escrito com tratamento linguístico, com a participação ativa dos indígenas, poderemos aprofundar o conhecimento da língua e fortalecer o seu uso. Além disso, poderemos identificar as transformações lexicais, pois essas transformações fazem parte da trajetória histórico-cultural dos Asurini e precisam ser identificadas e analisadas. Apesar da língua Asurini já ter sido estudada por linguistas (p.ex. NICOLSON, 1982; MONSERRAT, 1998; SOLANO, 2004; CABRAL e SOLANO, 2003; PEREIRA, 2009) e por missionários batistas que vivem há muito tempo entre eles, os Asurini querem se engajar em nova pesquisa. Eles consideram ser esta uma oportunidade para eles adquirirem a autonomia definitiva sobre a escrita, ensino e preservação de sua língua, bem como o controle de sua auto-representação e produção de sua própria história escrita. Os Asurini professores indígenas e graduandos querem esta pesquisa e eles contarão com a orientação da linguista Ana Suelly A. C. Cabral, da UNB.

Em termos mais amplos este projeto visa entender o que se convencionou chamar de “situações de contato”. Estudos têm sido desenvolvidos no sentido de compreender como as diferentes populações indígenas vêm se estruturando e redefinindo sua identidade a partir do

encontro colonial (p. ex. ALBERT e RAMOS (eds), 2002). Investigar estes processos de interação das populações indígenas se faz necessário para contribuir nos debates sobre a preservação dos direitos à auto-determinação, propriedade intelectual e prioridade na exploração dos recursos existentes em suas terras - temas cada vez mais prementes e relevantes para as populações amazônicas (p.ex. GRUPIONI, VIDAL e FISCHMANN (eds), 2001). Além disso, nos últimos anos, o tema dos encontros coloniais tem sido muito desenvolvido por arqueólogos do mundo todo. Cada vez mais se tem abandonado o pressuposto colonialista da dominação passiva e assimilação dos povos colonizados, para ressaltar a violência desses encontros e a agência dos povos nativos, e esta vertente de investigação tem sido denominado arqueologia do colonialismo e arqueologia do passado recente (OLAND, SIOBHAN e FRINK (eds), 2012).

Porém, nosso diálogo com a linguística não visa apenas o passado recente e o presente Asurini. Mas busca compreender a ocupação Tupi de longa duração nesta área do médio Xingu. Nossas pesquisas vêm demonstrando que a T.I Koatinemo se configura como um palimpsesto onde os Asurini representam o registro mais recente de um contínuo processo de ocupações indígenas, sendo uma área crucial para a construção da história dos povos Tupi-Guarani setentrionais na região de interflúvio dos rios Tocantins-Xingu, desde o período pré-colonial (p.ex. GARCIA, 2012; ALMEIDA, 2008; CORRÊA, 2014). Trata-se da evidência de uma história indígena onde não há rupturas, mas continuidades e transformações culturais.

Os linguistas têm nos inspirado nesta pesquisa através de seus modelos sobre o desenvolvimento das línguas Tupi e, mais especificamente, da família Tupi-Guarani. Os modelos de Rodrigues e Urban e de Mello e Kneip (CORRÊA, 2014) (Figura 23) sobre a expansão dos povos Tupi-Guarani, apesar de distintos corroboram os dados arqueológicos, ou seja, que há uma história de longa duração a ser contada sobre esses povos na área de interflúvio entre o Tocantins-Xingu. Além disso, eles nos incitam a olhar para os conjuntos artefatuais cerâmicos desta área de um modo a tentar identificar – em meio à diversidade cerâmica – elementos comuns às cerâmicas de outras áreas, como a Tupinambá e a Guarani, cuja

origem remonta ao Proto-Tupi-Guarani. A cerâmica Asurini é um exemplo contemporâneo disto, pois ela apresenta morfologias que se assemelham com as cerâmicas Guarani e Tupinambá, reforçando a noção de que os elementos comuns presentes em conjuntos artefatuais distintos estão entre os mais antigos.

Não se pode esquecer que esta área também guarda a história de outros povos Tupi, das famílias Juruna e Munduruku e, portanto, seus conjuntos cerâmicos certamente se misturam – em determinadas áreas – aos registros arqueológicos Tupi-Guarani. E, finalmente, temos as dinâmicas de contatos entre os falantes de línguas Tupi e os falantes de línguas Karib. A região do médio Xingu apresenta registros arqueológicos destes últimos e esta é uma história que apenas começa a ser contada e que não pode prescindir do diálogo entre a arqueologia e a linguística.

A região do médio-baixo Xingu nos incita a traçar alguns caminhos de pesquisa, considerando as informações históricas, antropológicas, arqueológicas e linguísticas disponíveis: 1) precisamos compreender a relação histórica entre as línguas dos ramos setentrionais da família Tupi-Guarani; 2) entender a longevidade da presença Karib nesta área; 3) investir na arqueologia do colonialismo, do passado recente e no diálogo com a história indígena para desvelar as dinâmicas do contato intercultural nos períodos colonial e pós-colonial; 4) intensificar o diálogo com a antropologia e com a linguística visando consolidar e ampliar a base de dados comparativos entre os povos Tupi-Guarani.

De volta ao caso Tupi

O caso Tupi nos permite avançar no entendimento de que as relações entre cultura material, língua e etnicidade resultam de trajetórias histórico-culturais específicas. A partir do estudo de suas cerâmicas, padrões de assentamento e subsistência, de sua distribuição/dispersão no tempo-espaço e de sua língua verificamos tanto as continuidades como as transformações culturais vivenciadas por esses povos na longa duração. Além disso, entendemos que os povos Tupi do passado estão conectados aos povos Tupi do presente, e suas histórias específicas nos permitem apreender a notável persistência estrutural na relação entre cultura e língua.

Conclusão

Hoje é mais fácil falar da relação entre arqueologia e linguística no Brasil, apesar dela ainda engatinhar. No fim dos anos 1980 era quase uma heresia, pois dominava o pressuposto de se evitar a interdisciplinaridade. Não havia massa crítica, experiência em investigar utilizando todos os dados possíveis sobre uma população indígena e toda a pesquisa era consumida na descrição do registro arqueológico. Isso afastou a arqueologia brasileira de participar dos avanços internacionais que se experimentavam através de diversas vertentes teóricas, em vários continentes, em razão do contínuo crescimento da presença das populações locais no desenvolvimento dos projetos de pesquisa. Desta forma, temos um legado de atraso a ser vencido, com a necessária aproximação interdisciplinar e com os devidos processos de formação para que arqueólogos e linguistas conheçam com maior profundidade a teoria e métodos de ambas as disciplinas e possam ampliar a sua capacidade de compreensão e interpretação. Todos ganharão com a soma desses conhecimentos e perspectivas que ao fim e ao cabo se complementam, pois tanto arqueólogos como linguistas investigam sociedades humanas.

Agradecimentos

À FAPESP pelos auxílios pesquisa (Processos 2008/58278-6, 2012/51312-0, 2016/01484-0). Ao CNPq pela bolsa produtividade. À Ângelo Alves Corrêa pela troca de ideias e boas sugestões. Aos Asurini do Xingu pela colaboração na investigação e pela iniciativa de propor projetos de pesquisa sobre a sua história.

Referências:

ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida (Eds). **Pacificando o Branco. Cosmologias do Contato no Norte-Amazônico**. São Paulo: EDUNESP. 2002.

ARNOLD, Dean. **Ceramic theory and cultural process**. Cambridge: Cambridge University Press. 1985.

ALMEIDA, Fernando O. **O Complexo Tupi da Amazônia Oriental**. São Paulo: Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. 2008.

BALDUS, Herbert. **Tapirapé. Tribo do Brasil Central**. São Paulo: Cia Editora Nacional. 1970.

BARCELOS NETO, Aristóteles. A cerâmica Wauja: etnoclassificação, matérias-primas e processos técnicos. **Revista de arqueologia e Etnologia**, 15/16:357-370. 2005/2006.

BARCELOS NETO, Aristóteles. **Apapaatai. Rituais de máscaras no Alto Xingu**. São Paulo: EDUSP, 2008.

BASSALA, George. **The evolution of technology**. New York: Cambridge University Press. 1998.

BASSO, Keith. **Wisdom sits in places. Landscape and language among the Western Apache**. Albuquerque: University of New Mexico Press. 1996.

BETTS, LaVera D. **Dicionário Parintin-Português, Português-Parintintin**. Brasília: Summer Institute of Linguistics. 1981

BONOMO, Mariano; ANGRIZANI, Rodrigo C.; APOLINAIRE, Eduardo; NOELLI, Francisco S. A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. **Quaternary International**, 356:54-73.

BOURDIEU, Pierre. **Outline of a theory of practice**. Cambridge: Cambridge University Press. 1977.

BOWSER, Brenda; ZEDENÑO, María (eds). **The archaeology of meaningful places**. Salt Lake City: University of Utah Press, 2009.

BROCHADO, JOSÉ P. **An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America**. Urbana-Champaign. PhD Thesis, University of Illinois at Urbana-Champaign. 1984.

BROCHADO, JOSÉ P. A Expansão dos Tupi e da Tradição Policrômica Amazônica. **Dédalo**, 27:65-82. 1989.

Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 7, n. 1, 2017

BROCHADO, JOSÉ P. What did the Tupinambá cook in their vessels? A humble contribution to ethnographic analogy. **Revista de Arqueologia**, 6:40-88. 1991.

BROCHADO, JOSÉ P.; MONTICELLI, G.; NEUMANN, E. Analogia Etnográfica na reconstrução gráfica das Vasilhas Guarani Arqueológicas. **Veritas**, 35(140), p. 727-743, 1990.

CARR, Christopher. Building a unified middle-range theory of artifact design: Historical perspectives and tactics. In: CARR, C & NEITZEL, J. E. (Eds.). **Style, society and person. (Archaeological and ethnological perspectives)**. New York: Plenum Press. pp. 151-170. 1995.

CHILTON, Elisabeth. The cultural origins of technical choice: unraveling algonquian and iroquian ceramic traditions in the northeast. In: STARK, M. (Ed.). **The Archaeology of social boundaries**. Washington: Smithsonian Institution Press. pp. 132-160. 1998.

CORRÊA, Ângelo. A. **Pindorama de Mboia e iakaré: Continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi**. São Paulo: Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2014.

CRUIKSHANK, Julie. **The social life of stories. Narrative and knowledge in the Yukon territory**. Lincoln: Nebraska University Press, 1998.

DIETLER, M & HERBICH, I. Tich Matek: The technology of Luo pottery production and the definition of ceramic style. **World Archaeology**, 21(1):148-154. 1998.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. **Da pré-história à história Indígena: (Re)pensando a arqueologia e os povos canoeiros do Pantanal**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica. Porto Alegre. 2002.

GARCIA, LORENA L.W.G. **Arqueologia na região dos interflúvios Xingu-Tocantins: a ocupação Tupi no Cateté**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GELL, A. **Art and agency: an anthropological theory**. Oxford: Clarendon Press. 1998.

GIANNECCHINI, Dorotheo. **Diccionario Chiriguano-Español y Español-Chiriguano**. Tarija: s/e. 1916.

GOSSELAIN, Olivier P. Social and technical identity in a clay crystal ball. In: M. Stark (Ed.). **The Archaeology of Social Boundaries**. Washington D.C.: Smithsonian Institution Press. 1998. pp.78-106.

GOSSELAIN, Olivier P. **Poteries du Cameroun méridional. Styles techniques et rapports à l'identité**. Paris: CNRS Editions/CRA 26 Monographies. 2002.

GOSSELAIN, Olivier P. Technology and style: Potters and pottery among Bafia of Cameron. **Man**, 27(3):559-585. 1992.

GOSSELAIN, Olivier P. Materializing identities: An African perspective. **Journal of Archaeological Method and Theory**, 7(3):187-217. 1992.

GRUPIONI, Luiz; VIDAL, Lux; FISCHMANN, R. (Orgs.). **Povos Indígenas e Tolerância. Construindo Práticas de Respeito e Solidariedade**. São Paulo, EDUSP. 2001.

HAOUR, Anne; MANNING, Kate; ARAZI, Noemie; GOSSELAIN, Olivier; GUÈYE, Ndèye; KEITA, Daouda; SMITH, Alexandre; MacDONALD, Kevin; MAYOR, Anne; McINTOSH, Susan; VERNET, Robert. **African pottery roulettes past and present. Techniques, identification and distribution**. Oxford/Oakville: Oxbow Books. 2010.

HECKENBERGER, Michael. **War and Peace in the Shadow of Empire: Sociopolitical Change in the Upper Xingu of Southeastern Amazonia, A. D. 1400-2000**. Ann Arbor, PhD. Thesis. University of Pittsburgh. 1996.

HEGMON, Michelle. Technology, Style, and Social Practices: Archaeological Approaches. In: M. Stark (Ed.). **The Archaeology of Social Boundaries**. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1998. pp. 264-279.

HILL, Jonathan. Etnicidade na Amazônia Antiga: Reconstruindo Identidades do Passado por meio da Arqueologia, História e Etno-história. **Ilha**, 5(1):35-69. 2013.

HILL, Jonathan; SANTOS GRANERO, Fernando. **Comparative Arawakan Histories**. Chicago:University of Illinois Press. 2002.

HOLMBERG, Allan. R. **Nomads of the long bow. The Siriono of Eastern Bolivia.** Chicago: The University of Chicago Press. 1960.

HORNBORG, Alf. Ethnogenesis, Regional Integration, and Ecology in Prehistoric Amazonia. **Current Anthropology**, 46(4):589-620. 2005

HORNBORG, Alf.; HILL, Jonathan D. **Ethnicity in Ancient Amazonia: reconstructing past identities from archaeology, linguistics, and ethnohistory.** Boulder: University of Colorado Press. 2011

HUGH-JONES, Stephen. The fabricated body: objects and ancestors in northwest Amazonia. In: SANTOS-GRANERO, Fernando (Ed.). **The occult life of things. Native Amazonian theories of materiality and personhood.** Tucson: The University of Arizona Press. 2009. pp. 33-59.

INGOLD, Tim. **Perception of the Environment: Essays in livelihood, dwelling and skill.** London: Routledge, 2001b.

JONES, Sian. Categorias históricas e a práxis da identidade: a interpretação da etnicidade na Arqueologia Histórica. In: Pedro P. A. Funari; Charles Orser Jr.; Solange N. Schiavetto (Orgs.). **Identidades, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea.** São Paulo: Annablume/FAPESP. pp.27-43. 2005.

JORDAN, Peter; SHENNAN, Stephen. Cultural transmission, language, and basketry traditions amongst the California Indians. **Journal of Anthropological Archaeology**, 22:42-74. 2003.

KAKUMASO, James; KAKUMASO, Kyoko. **Dicionário por tópicos Urubu-Kaapor português.** Brasília: FUNAISIL. 1988.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, JOSÉ P. **Cerâmica Guarani.** Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura. 1989.

LATHRAP, Donald. W. **The Upper Amazon.** London: Thames & Hudson. 1970.

LEMONNIER, Pierre. **Elements for an Anthropology of Technology.** Ann Harbor: The University of Michigan Press. 1992

LEMONNIER, Pierre. (ed.). **Technological choices. Transformation in material cultures since the Neolithic.** London: Routledge. 1993.

LONGACRE, William. A. Standardization and specialization: what's the link. In: SKIBO, James M.; FEINMAN, Gary M. (Eds.). **Pottery and People. A Dynamic Interaction**. Salt Lake City: The University of Utah Press, 1999. p.44-58.

MÉTRAUX, Alfred. **La civilisation matérielle des tribus Tupi-Guarani**. Paris: Librairie Orientaliste. 1928.

MONSERRAT, Ruth; IRMÃZINHAS DE JESUS. **Língua Asuriní do Xingu**. CIMI/Prelazia do Xingu. 1998.

MONTOYA, Antonio R. **Tesoro de la lengua Guaraní**. Asunción: CEPAG. 2011.

MÜLLER, Regina P., As Crianças no Processo de Recuperação Demográfica dos Asurini do Xingu, in: Aracy. L. da Silva; Ana V. L. da Silva Macedo e Ângela N. (eds), **Crianças Indígenas. Ensaio Antropológico**. São Paulo: MARI/FAPESP. 2002, pp. 188-209.

MUNN, Nancy. The spatiotemporal transformations of Gawa Canoes. **Journal de la Société des Océanistes**, 33:40-51. 1977.

NEVES, Eduardo. G.. **Paths in the dark waters: archaeology as indigenous history in the Upper Rio Negro Basin, northwest Amazon**. PhD Thesis. Indiana University, Bloomington. 1998

NICHOLSON, Velda. **Breve Estudo da Língua Asuriní do Xingu. (Ensaio Linguístico)**. Brasília: SIL. 1982.

NIMUENDAJU, Curt. Wortlisten aus Amazonien. **Journal de la Société des Americanistes**, 24(1):93-119. 1932.

NOELLI, Francisco S.. José Proenza Brochado. Vida acadêmica e arqueologia Tupí. In: PROUS, A. e LIMA, T. A. (orgs). **Os ceramistas Tupiguarani**. Sínteses regionais. Belo Horizonte: SIGMA\IPHAN. 2008, pp. 17-47.

NOELLI, Francisco S. **Sem Tekohá não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guaraní aplicado a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS)**. Porto Alegre, Mestrado em História, PUCRS. 1993.

NOELLI, Francisco S. La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas Guaraní. **Revista de Indias**, 64(230):17-34. 2004

NOELLI, Francisco. S.; BROCHADO, JOSÉ P. O cauim e as beberagens do Guaraní e Tupinambá, equipamentos, técnicas de preparação e consumo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 8:117-128. 1998.

OLAND, Maxime; HART, Siobhan; FRINK, Liam (Eds). **Decolonizing indigenous histories: exploring prehistoric and colonial transitions in Archaeology**. Tucson, The University of Arizona Press. 2012.

ORTON, Clive; HUDGES, M. **Pottery in Archaeology**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press. 2013.

RICE, John D. O idioma Tembé (Tupi-guarani). **Journal de la Société des Américanistes**, 26(1):109-180. 1934.

RODRIGUES, Aryon.; CABRAL, Ana. S. Tupían. In: CAMPBELL, L.; GRONDONA, V. (eds). **The indigenous languages of South America**, v.2. Berlin\Boston: Mouton de Gruyter. pp. 495-574. 2012.

RODRIGUES, Aryon D. A classificação linguística do tronco Tupi. **Revista de Antropologia**, 12 (1-2):99-104. 1964.

RODRIGUES, Aryon D. As relações internas na família Tupi-Guarani, **Revista de Antropologia**, 27-28. 1984-1985.

RODRIGUES, Aryon D. **Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola. 1986.

SANTOS-GRANERO, F. e HILL, J.D. (eds). **Comparative Arawakan Histories. Rethinking language family and culture area in Amazonia**. Chicago: University of Illinois Press. 2002.

SCHIFFER, Michael B. & SKIBO, James. The explanation of artifact variability. **American Antiquity**, 62(1):27-50. 1997.

SILVA, Fabiola A. **As Tecnologias e seus Significados**. São Paulo: Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2000.

SILVA, Fabíola A. O significado da variabilidade artefactual: a cerâmica dos Asurini do Xingu e a plumária dos Kayapó-Xikrin do Cateté. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Ciências Humanas, 2:91-103. 2007.

SILVA, Fabíola A. Ceramic technology of the Asurini do Xingu, Brazil: an ethnoarchaeological study of artifact variability. **Journal of Archaeological Method and Theory**, 15:217-265. 2008.

SILVA, Fabíola A. A organização da produção cerâmica dos Asurini do Xingu: uma reflexão etnoarqueológica sobre variabilidade e padronização artefactual. **Arqueologia Suramericana**, 5:121-137. 2009.

SILVA, Fabíola A. A tecnologia da cestaria entre os Xikrin-Kayapó. In: SILVA, FABÍOLA A. e GORDON, César (Eds.). **Xikrin: uma coleção etnográfica**. São Paulo: EDUSP. pp. 173-206. 2011.

SILVA, Fabíola A.; NOELLI, Francisco S. Mobility and territorial occupation of the Asurini do Xingu, Pará, Brazil: An archaeology of the recent past in the Amazon. **Latin American Antiquity**, 26:493-511. 2015.

SILVA, Fabíola A.; GARCIA, Lorena L.W.G., Território e memória dos Asurini do Xingu: arqueologia colaborativa na T.I. Kuatinemu, **Amazônica, Revista de Antropologia**, 7(1):74-99, 2015.

STARK, Mirian. T. (Ed). **The archeology of social boundaries**. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1998.

STARK, Mirian; BOWSER, Brenda; HORNE, Lee (eds.) **Cultural Transmission and Material Culture: breaking down boundaries**. Tucson: University of Arizona Press. 2008.

STRADELLI, Ermano. Vocabulário Português-Nhengatu\Nhengatú-Português. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 104(158):73-768. 1929.

van der LEEUW, Sander. Giving the potter a choice. In: P. Lemonnier (Ed.). **Technological Choices. Transformation in Material Cultures since the Neolithic**. London: Routledge. pp. 238-288. 1993.

VELTHEM, Lúcia H. Mulheres de cera, argila e arumã: princípios criativos e fabricação material entre os Wayana. **MANA**, 15(1):213-36. 2009.

VOCABULÁRIO. **Vocabulário na língua brasílica**. São Paulo: FFLCH\USP. 1952.

WENDRICH, Willeck. **Archaeology and Apprenticeship. Body Knowledge, Identity, and Communities of Practice**. Tucson: The University of Arizona Press. 2012.

WIESSNER, Polly. Style and Social Information in Kalahari San Projectile Points. **American Antiquity**, 48(2):253-276. 1983.

WÜST, Irmhild. **Continuidade e Mudança: Para uma Interpretação dos Grupos Pré-Coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso**. Tese de Doutorado, São Paulo: Universidade de São Paulo. 1991.

ZEDENÑO, María. Landscapes, land use and the history of territory formation: an example from puebloan southwest. **Journal of Archaeological Method and Theory**, 4(1): 63-103. 1997.

Resumo:

Arqueologia e linguística: Construindo as trajetórias histórico-culturais dos povos Tupí

Entender as causas e os significados da variabilidade e da padronização artefactual encontradas no registro arqueológico é um dos principais objetivos da pesquisa arqueológica. Neste texto pretendemos mostrar como o diálogo interdisciplinar é fundamental para que alcancemos tal objetivo e, para isso, tomaremos como exemplo o estudo das trajetórias histórico-culturais das populações Tupí, dando ênfase à relação profícua entre arqueologia e linguística.

Palavras-chave: Arqueologia. Linguística. Interdisciplinaridade. Povos Tupí.

Abstract:

Archeology and language: Building the historical-cultural trajectories of the Tupi peopl

Understanding the causes and the meanings of artifactual variability and standardization found in the archaeological record is one of the main goals of archaeological research. In this paper we intend to show how the interdisciplinary dialogue is essential to achieve this goal, and for this we will take as an example the study of historical and cultural trajectories of Tupi populations, emphasizing the fruitful relationship between archeology and linguistics.

Keywords: Archaeology. Linguistic. Interdisciplinarity. Tupían Peoples.